



KARL MARX, AS NATUREZAS E SUAS RELAÇÕES EDUCATIVAS KARL MARX, LAS NATURALEZAS Y SUS RELACIONES EDUCATIVAS

Carlos RS Machado¹

Para T. no 20/11

RESUMO

Este trabalho parte do pressuposto da existência na produção teórica de Karl Marx de três naturezas (natureza física, natureza humana e natureza produzida), as quais se relacionam dialética e contraditoriamente num processo de co-evolução e múltiplas determinações ao longo da história da humanidade. Tais relações se traduzem no presente na que estabeleço com as mesmas, ou seja, da relação que estabeleço com os/as outros/as e comigo mesmo, com a “natureza física” ou o meio ambiente e também com o que penso e concebo enquanto explicação para as relações com as duas outras. Portanto, o que chamamos realidade é produzido em cada momento vivido pelos indivíduos em contextos conflituos pela apropriação dos resultados da transformação humana da primeira natureza e as explicações/concepções justificativas de tais relações e suas conseqüências em/na sociedade.

Palavras chaves: Marx; natureza; relações; educação

RESUMEN

Este trabajo parte del supuesto de la existencia en la producción teórica de Karl Marx de tres naturalezas (naturaleza física, naturaleza humana y naturaleza producida), las cuales se relacionan dialéctica y contradictoriamente en un proceso de co-evolución y múltiples determinaciones a lo largo de la historia de la humanidad. Tales relaciones se traducen en el presente en la que establezco con las mismas, o sea, de la relación que establezco con los/as otros/as y conmigo mismo, con la "naturaleza física" o el medio ambiente y también con lo que pienso y concibo mientras explicación para las relaciones con las otras dos. Por lo tanto, lo que llamamos realidad es producido en cada momento vivido por los individuos en contextos conflictivos por la apropiación de los resultados de la transformación humana de la primera naturaleza y las explicaciones/concepciones justificantes de tales relaciones y sus consecuencias en la sociedad.

Palabras claves: Marx, naturaleza, relaciones, educación

SUMMARY

This work is based on the presupposition of Karl Marx's theoretical production of three natures (physical nature, human nature and produced nature), which are dialectically and contradictorily related in a process of co-evolution and multiple

¹ Professor de políticas públicas na FURG e no Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental/PPGEA/FURG.

determinations throughout the history of mankind. Such relationships are translated in the present in that I establish with them, that is, the relationship I establish with others and with myself, with "physical nature" or the environment and also with what I think and conceive as explanation for the relations with the other two. Therefore, what we call reality is produced in each moment lived by individuals in conflictive contexts by the appropriation of the results of the human transformation of the first nature and the justificatory explanations/conceptions of such relations and their consequences in society.

Key words: Marx, nature, relations, education

INTRODUÇÃO

O capitalismo, depois de mais de 100 anos de Marx, transformou-se e aprofundou-se em inúmeros aspectos e tendências daquelas constatadas por ele; e novas surgiram – como a questão ecológica ou ambiental - e cabe a nós ao investigá-las buscar dar conta de possíveis explicações/problematizações, ou contribuir para a criação/produção de uma sociedade mais justa social e ambientalmente. Neste sentido, os ecologistas, ambientalistas, os historiadores ambientais, por exemplo, vem incluindo o tema em suas reflexões acadêmicas há décadas (CASTRO, 1994, 2004; BRIGOS ET.alli, 2012). Do ponto de vista mais político, os ecossocialistas vêm incluindo a ecologia e/ou a relação/lugar do tema natureza no debate da utopia socialista (LOWY, 2005, 2006, 2012).

Buscando contribuir neste debate, produzi uma reflexão publicada em livro (MACHADO, 2018b), numa Conferência na Universidade de Santa Maria/RS (MACHADO, 2017), e venho refletindo com colegas e acadêmicos/as, desde 2006, quando iniciei as atividades na pós-graduação em educação ambiental. Trata-se da existência de três naturezas na obra de Karl Marx: “a natureza física, a terra da/na qual as demais emergiram; a natureza humana que ao agir enquanto individualidade e coletividade transformam-na produzindo uma terceira natureza como subjetividade, o conhecimento, as explicações das relações sociais em sociedade e em sua relação com a/s natureza/s – os concebidos conforme Henri Lefebvre” (MACHADO, 2018b).

Assim, as naturezas se relacionariam e desenvolveriam ao longo da história num processo de co-evolução, possuindo como conteúdo a relação da sociedade com a natureza, na qual a luta de classes, decorrente da disputa pela riqueza produzida pela transformação da natureza pelo trabalho, da sua apropriação e uso pelas classes dominantes; mas também pela indução, via

instrumentos de exercício da dominação (crenças, religião, relações sociais, instituições, exércitos, políticas, etc.) em cada momento vivido em sociedades/comunidades. Estes últimos aspectos seriam exemplos produzidos em decorrência das relações das duas primeiras como concebidos, mas também justificadoras das perspectivas dominantes que buscam manter a desigualdade ambiental local e mundial atual.

O conceito de desigualdade ambiental permite apontar o fato de que, com a sua racionalidade específica, o capitalismo liberalizado faz com que os danos decorrentes de práticas poluentes recaiam predominantemente sobre grupos sociais vulneráveis, configurando uma distribuição desigual dos benefícios e malefícios do desenvolvimento econômico. Basicamente, os benefícios destinam-se às grandes interesses econômicos e os danos a grupos sociais despossuídos. [Portanto], a noção procura evidenciar que o “planeta” não é compartilhado de forma igual entre todos e que para se construir um mundo efetivamente “comum” seria preciso que as iniquidades fossem devidamente enfrentadas. [...] (COLETIVO BRASILEIRO DE PESQUISADORES DA DESIGUALDADE AMBIENTAL, 2012, p.2,3,5)

Neste trabalho, enfocarei o aspecto educativo, da produção da subjetividade e do conhecimento da/na relação entre as naturezas na produção de Marx; do como se relacionam as três naturezas e como vai se produzindo a subjetividade, o conhecimento, a relação dos humanos com a natureza.

Então, resgato de forma breve a reflexão daquele artigo (MACHADO, 2018b), ampliando-o ao fazer alusão às relações educativas no processo histórico entre as três naturezas, avançando para articular com o processo educativo relacional, bem como no processo de pensar as relações e as práticas em decorrência. Disso, argumentarei que há um vínculo educativo entre sociedade/humanos e natureza na produção de Marx que vai se produzindo no processo histórico, no qual tem como resultado o conhecimento e a subjetividade que emerge destes. Portanto, o autor que reflete sobre tais relações deve se incluir em tal ligação (entre as naturezas e seus conflitos). Mas, para isso, devemos considerar como ponto de partida o real, as relações sociais que estabelecem com outros e a natureza, nas atividades educativas e de pesquisa, bem como nas atividades cidadãs (MACHADO, 2018a).

Para tanto, apresentarei um breve histórico do estudo do tema no marxismo e do surgimento da disciplina na FURG/PPGEA; uma síntese de citações em diferentes obras de Marx sobre o tema da Natureza, ao mesmo tempo em que vou indicando aspectos do processo educativo e relacional entre as três naturezas da tese afirmada ao início. Ao final, as implicações para a

educação e a educação ambiental e o cotidiano, enquanto espaço de produção e re-produção das relações hegemônicas e, ao mesmo tempo e contraditoriamente, de possibilidades da obra humana auto-produzida e auto-gerida, individual e coletivamente na relação entre as naturezas.

CAPITALISMO, NATUREZA E RELAÇÕES EM KARL MARX NA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Foi nos anos de 2006 e 2007, quando entrei no Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, que comecei a estudar como no marxismo apareceria, ou era considerado, o lugar da natureza ou do meio ambiente nas relações de exploração do trabalho no sistema capitalista. As reflexões foram se desenvolvendo nos anos seguintes e, em 2008, surgiu a primeira síntese² das discussões em sala de aula. A partir dos materiais que tinha sistematizado³ surgiu a idéia da existência da inclusão da natureza como terceiro na relação capital x trabalho. A temática da natureza está presente desde as primeiras obras de Karl Marx (Manuscritos de 1844), chegando até suas últimas obras (O Capital e Crítica ao Programa de Gotha, 1875).

Nosso estudo foi sendo construído deixando Marx “falar” através das citações presentes em suas obras, dos textos selecionados para as leituras e os diálogos em aula, tendo por objetivo localizar como a natureza aparecia ou era referida nos textos. Para a seleção das obras/textos utilizados, foram importantes as sugestões/citações de autores que discutem a questão da natureza ou ambiental na obra do autor: Michael Lowy (2005); John Foster (1999, 2005), Antônio de Pádua Duarte (1995), Guilherme Foladori (1997), Alfred Schmidt (1962), dentre outros. No caso, partíamos da análise da existência de uma crise socioambiental, para pensá-la desde seus fundamentos⁴, pois as disciplinas se desenvolveram no Programa de Pós-

² Desenvolvi uma reflexão com Fabiana Dendena e Daiane Gautério no Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental na FURG/Rio Grande e na disciplina neste mesmo programa.

³ Também ministramos um curso: Karl Marx e a Natureza, com Fabiana Dendena (FURG/PPGEA) no IV Simpósio Gaúcho de Educação Ambiental – Erechim/RGS – 17-19 setembro 2007.

⁴ “Na atual definição da linha de fundamentos, a qual orienta nossas pesquisas na educação ambiental, destacamos que é necessário ressaltar a articulação dos “fundamentos (...) da educação ambiental (...) na relação sociedade x natureza [...] favorecendo a construção de perspectivas críticas sobre a temática da crise sócioecológica”, desde diferentes áreas do

Graduação em Educação Ambiental, na Universidade Federal do Rio Grande (a partir do ano de 2007).

Da leitura, estudo e do uso dos textos de Marx não buscávamos a “revelação das escrituras”, mas como aquilo que líamos e discutíamos das reflexões de Marx era referida a relação da sociedade com a natureza, de como a natureza aparecia nos textos, e de como isso ajudava-nos a entender tais aspectos nos tempos de hoje, especificamente no extremo sul, no Brasil e no mundo. Assim, na parte seguinte, resgato partes do artigo referido na introdução, ampliando-o ao dar destaque das relações educativas e/ou dos concebidos e da subjetividade no/do processo relacional entre as três naturezas.

Karl Marx e a Natureza

Nos *Manuscritos econômico-filosóficos* (ANTUNES, 2004)⁵, podemos encontrar diferentes referências sobre a natureza, para a qual destacamos a parte intitulada “Trabalho estranhado e propriedade privada”. A natureza é qualificada como: “natureza inorgânica”, o “mundo exterior sensível”, o “mundo externo”, a “matéria do trabalho”, “meio de trabalho” e “meio de vida”, “objeto de trabalho” e “meio de subsistência do trabalhador”.

O trabalhador nada pode criar sem a natureza, sem o mundo exterior sensível (sinnliche). Ela é a matéria na qual o seu trabalho se efetiva, na qual [o trabalho] é ativo, [e] a partir da qual e por meio da qual [o trabalho] produz. Mas como a natureza oferece o meio de vida, no sentido de que o trabalho não pode viver sem objetos nos quais se exerça, assim também oferece, por outro lado, o meio de vida no sentido mais estrito, isto é, o meio de subsistência física do trabalhador mesmo. (MARX, In ANTUNES, 2004, p.178)

Podemos dizer que o humano se relaciona com a natureza, que é externa e matéria sensível transformada pelos primeiros para produzir objetos, mas também é seu meio de vida. Segundo Marx, no capitalismo, quanto mais “o trabalhador se apropria do mundo externo, da natureza sensível, por meio do seu trabalho, tanto mais ele se priva dos meios de vida” (MARX, In ANTUNES, 2004, p.178), pois ele não é dono, neste sistema, tanto dos produtos de seu trabalho bem como dos meios de sua realização. O processo

conhecimento em sua relação com o campo da educação ambiental” (MACHADO, CALLONI, ADOMILLI, 2016).

⁵ Ver também edição Boitempo, São Paulo (tradução de Jesus Ranieri, UNESP).

de “transformar a natureza” no capitalismo é também um processo de produção da separação dele (homem) enquanto ser da natureza, a uma natureza exterior a ele. E tal processo, se desenvolveria num

duplo sentido: primeiro, que sempre mais o mundo exterior sensível deixa de ser um objeto pertencente ao seu trabalho, um meio de vida do seu trabalho; segundo, que [o mundo exterior sensível] cessa, cada vez mais, de ser meio de vida no sentido imediato, meio para a subsistência física do trabalhador. (Marx, in ANTUNES, 2004, p.178)

De um lado o trabalhador e, de outro, a natureza, o mundo sensível que entra em relação no processo do fazer ativo do trabalho que transforma a natureza. Porém, em decorrência desta relação e suas consequências, ao se desenvolverem mais se aprofunda a idéia e a prática da separação – ou seja, da natureza como separada, uma “coisa lá fora” e, dessa maneira, da desvinculação prática, quanto da sensibilidade do trabalhador com os meios, as condições e os resultados de tais processos produtivos capitalistas. O pensamento de separar/desvincular o pensar/fazer no capitalista se articula à própria explicação da modernidade da separação dos humanos na natureza, como a superioridade dos brancos e europeus, e na atualidade pelos norte-americanos, sobre os demais povos na chamada *colonialidad* (QUIJANO, 2014)⁶.

Tal processo, caracterizado como “estranhamento”, teria seus fundamentos materiais no processo de trabalho, ao mesmo tempo em que se vai produzindo uma subjetivamente separada das materialidades a eles subjacentes. Marx, a partir dos autores da economia clássica – os pensadores do sistema -, nas partes anteriores dos manuscritos, diz o seguinte:

⁶ “La asociación entre ambos fenómenos, el etnocentrismo colonial y la clasificación racial universal, [...] se expresó en una operación mental de fundamental importancia para todo el patrón de poder mundial, sobre todo respecto de las relaciones intersubjetivas que le son hegemónicas y en especial de su perspectiva de conocimiento: los europeos generaron una nueva perspectiva temporal de la historia y re-ubicaron a los pueblos colonizados, y a sus respectivas historias y culturas, en el pasado de una trayectoria histórica cuya culminación era Europa”, [produzida a partir do] “mito fundacional” de “la idea del estado de naturaleza como punto de partida del curso civilizatorio cuya culminación es la civilización europea u occidental” (p.789); “Durante el siglo XVIII, ese nuevo dualismo radical fue amalgamado con las ideas mitificadas de “progreso” y de un estado de naturaleza en la trayectoria humana, los mitos fundacionales de la versión eurocentrista de la modernidad” (p.806); “la perspectiva eurocéntrica, en la cual un evolucionismo unilineal y unidireccional se amalgama contradictoriamente con la visión dualista de la historia; un dualismo nuevo y radical que separa la naturaleza de la sociedad, el cuerpo de la razón [...] (QUIJANO, 2014, p.827).

Examinamos o ato do estranhamento da atividade humana prática, o trabalho, sob dois aspectos. **1)** A relação do trabalhador com o produto do trabalho como objeto estranho e poderoso sobre ele. Esta relação é ao mesmo tempo a relação com o mundo exterior sensível, com os objetos da natureza como um mundo alheio que se lhe defronta hostilmente. **2)** A relação do trabalho com o ato da produção no interior do trabalho. Esta relação é a relação do trabalhador com a sua própria atividade como uma [atividade] estranha não pertencente a ele, a atividade como miséria, a força como impotência, a procriação como castração. A energia espiritual e física própria do trabalhador, a sua vida pessoal – pois o que é a vida senão atividade – como uma atividade voltada contra ele mesmo, independente dele, não pertencente a ele. [...]

No entanto, logo adiante ao final do capítulo, diz que haveria ainda

[XXIV] “**uma terceira** determinação do trabalho estranhado a extrair das duas vistas até aqui. O homem é um ser genérico (Gattungswesen), não somente quando prática e teoricamente faz do gênero, tanto do seu próprio quanto do restante das coisas, o seu objeto, mas também – e isto é somente outra expressão da mesma coisa - quando se relaciona consigo mesmo como [com] o gênero vivo, presente, quando se relaciona consigo mesmo como [com] um ser universal, [e] por isso livre. (MARX, 2004, P.180)

Portanto, se ao início do texto, Marx relaciona a transformação da natureza através do trabalho pelos humanos, nesta citação ele avança no centrar o homem na relação “com o produto do trabalho como algo estranho e poderoso sobre ele”; da relação “do trabalhador com a própria atividade” e diríamos na própria atividade e no processo em que essa se desenvolve. Por fim, mas não menos importante, aponta-se sobre a “relação do homem consigo mesmo” enquanto ser genérico ou gênero humano como um ser universal, livre.

Do ponto de vista físico, diz Marx, tanto o homem quanto o animal “vive [m] da natureza inorgânica”, mas, “quanto mais universal o homem [é] do que o animal, tanto mais universal é o domínio da natureza inorgânica da qual ele vive” (MARX, in ANTUNES, 2004, p.182). Ou seja, se as “plantas, animais, pedras, ar, luz etc., formam [...] uma parte da consciência humana, inorgânico do homem” [a saber, a natureza enquanto ela mesma]; “fisicamente vive o homem somente destes produtos da natureza, possam eles aparecer na forma de alimento, aquecimento, vestuário, habitação” etc., mas de outro:

Praticamente, a universalidade do homem aparece precisamente na universalidade que faz da natureza inteira o seu corpo inorgânico,

tanto na medida em que ele é um meio de vida imediato, quanto o objeto/matéria é o instrumento de sua atividade vital. A natureza é o corpo inorgânico do homem, a saber, a natureza enquanto ela mesma não é corpo humano. O homem vive da natureza, significa: a natureza é o seu corpo, com o qual ele tem de ficar num processo contínuo para não morrer. Que a vida física e mental do homem está interconectada com a natureza não tem outro sentido senão que a natureza está interconectada consigo mesmo, pois o homem é uma parte da natureza. (MARX, in ANTUNES, 2004, p.182-183)

Segundo tal raciocínio, os humanos estão interconectados com a natureza, e, ao longo do processo histórico, vão co-evoluindo a partir da própria história que fazem em cada momento e contexto natural concreto, sob o qual incidem em suas relações. Veremos isso na discussão seguinte, num trabalho produzido quando dos estudos à elaboração da obra *O Capital*.

As relações das/nas comunidades anteriores à civilização capitalista, descritas e discutidas nas *Formações Econômicas Pré-Capitalistas* (MARX, 1991), são conhecidas entres os brasileiros pelo texto apresentado por Eric Hobsbawn, e que é parte da obra *Grundrisse* que só recentemente foi publicado no Brasil (Marx, 2011)⁷. Nesta, Marx diz que a natureza, mais precisamente a terra, é a “base das comunidades” e também as influencia. No processo de constituição das respectivas comunidades/hordas, o primeiro passo é a “apropriação das condições objetivas de vida bem como da atividade que a produz” e a terra “é o grande laboratório”.

A terra é o grande laboratório, o arsenal que proporciona tanto os meios e objetos do trabalho como a localização, a base da comunidade. As relações do homem com a terra são ingênuas: eles se consideram como seus *proprietários comunais*, ou seja, membros de uma comunidade que se produz e reproduz pelo trabalho vivo. Somente na medida em que o indivíduo for membro de uma comunidade como esta – literal e figuradamente – é que se considerará um proprietário ou *possessor*. Na realidade, a apropriação pelo processo de trabalho dá-se sob estas *pré-condições* que não são produto do trabalho, mas parecem ser seus pressupostos naturais ou divinos. (MARX, 1991, p.66-67)

Inicialmente, as comunidades não se sentem proprietárias da terra, mas as considera como “pressupostos divinos ou naturais”, o que ao passarem para

⁷ Enrique Dussel (1985) diz que “Los Grundrisse, para nosotros, no son sólo escritos preparatorios para el capital. De ninguna manera. Si El capital no hubiera sido escrito, los Grundrisse ya habrían planteado las cuestiones esenciales. Estos ocho Cuadernos iniciados en 1857 expresan el momento creador fundamental en la producción teórica de Marx, en el que éste logra claridad de lo que en definitiva será el descubrimiento teórico radical de toda su vida.

possessores implicaria uma percepção de novas relações, desde a modificação das relações que eles estabelecem com a terra, ou seja, do comunitário ou coletivo, ao individual e privado. Engels, em texto dos anos 1876, ao discutir o papel do trabalho na transformação do macaco em homem, ampliaria as implicações do processo de trabalho na criação de condições corporais decorrente de sua realização, ou do próprio ato de trabalhar:

O domínio sobre a natureza, que tivera início com o desenvolvimento da mão, com o trabalho, ia ampliando os horizontes do homem, levando-o a descobrir constantemente nos objetos novas propriedades até então desconhecidas. Por outro lado, o desenvolvimento do trabalho, ao multiplicar os casos de ajuda mútua e de atividade conjunta, e ao mostrar assim as vantagens dessa atividade conjunta para cada indivíduo, tinha de contribuir forçosamente para agrupar ainda mais os membros da sociedade. Em resumo, os homens em formação chegaram a um ponto em que tiveram necessidade de dizer algo uns aos outros. A necessidade criou o órgão: a laringe pouco desenvolvida do macaco foi-se transformando, lenta mais firmemente, mediante modulações que produziam por sua vez modulações mais perfeitas, enquanto os órgãos da boca aprendiam pouco a pouco a pronunciar um som articulado após outro. (ENGELS, In. ANTUNES, 2004, p.18)

O processo de trabalho, ao mesmo tempo em que vai produzindo as coisas úteis e a própria organização e união dos humanos, vai criando neles (por eles) as condições de seu próprio desenvolvimento corporal, da linguagem, das coisas e do mundo social a partir da transformação do natural. Diz ainda: “O homem, (...) modifica a natureza e a obriga a servir-lhe, domina-a. E aí está em última análise, a diferença essencial entre o homem e os demais animais, diferença que, mais uma vez, resulta do trabalho” (ENGELS, in ANTUNES, 2004, p.28).

Assim, as relações dos membros das comunidades com a terra dependem, em suas particularidades, “das condições econômicas em que a mesma exerce”, da forma de “propriedade da terra” e da “apropriação dos seus frutos por meio do trabalho”, as quais dependerão ainda “do clima, das características físicas do solo, do condicionamento físico de sua utilização, do relacionamento com tribos hostis ou vizinhas e das modificações introduzidas pelas migrações, acontecimentos históricos, etc.” (Idem, p.78). Disso, a própria continuidade, permanência e existência da comunidade enquanto tal exige a “reprodução de seus membros sob as condições objetivas já pressupostas”,

bem como a produção em si, seja da economia como da população, e outras. Caso isso não ocorra, “a comunidade entrará em decadência e morrerá, juntamente com as relações de propriedade sobre as quais se baseava” (MARX, 1991, p.79). Contudo, destaca que

O fundamento da evolução é a *reprodução* das relações entre o indivíduo e sua comunidade *aceitas* como dadas – que podem ser mais ou menos primitivas, mais ou menos produtos da história, porém fixadas na tradição – e uma existência *objetiva, definitiva e predeterminada* seja quanto ao relacionamento com as condições de trabalho, como quanto às relações do homem com seus companheiros de trabalho, de tribo, etc.(MARX, 1991, p. 78-79)

Destaco a questão: “o fundamento da evolução é **a reprodução das relações** entre o indivíduo e sua comunidade *aceitas* como dadas”. Logo, tais aspectos subjetivos de aceitação são resultantes de um processo de educação (fixadas na tradição), transmitidas de tal forma que o indivíduo aceite a continuidade da própria comunidade⁸. Sejam devido a explicações religiosas, xamãs, pela natureza, pelo sangue ou pelo vínculo necessário a reprodução da comunidade, seja por leis ou pela força coercitiva ou pelas ideias dominantes, fariam parte, diríamos, de uma produção simbólica hegemônica em cada local e realidade, para produzir e re-produzir as relações sociais existentes (LEFEBVRE, 1974, 1973, 1999) em sua desigual apropriação da riqueza, terras e forças de domínio por uns em detrimento de outros/as. Nesta lógica, parece óbvio que os poderes instituídos, no caso, o Estado e as autoridades, as instituições e leis são expressão dos interesses das classes, grupos, estamentos dominantes, que através destes meios buscam “convencer” as maiorias (bem como a cada indivíduo) de que determinadas “relações sociais” entre estes e “sua comunidade” sejam “aceitas como dadas” e reproduzidas como tais.

A natureza do/no capitalismo

⁸ “O homens fazem a sua própria história, mas não a fazem segundo a sua livre vontade; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado” (Karl Marx, XVIII Brumário de Luis Bonaparte, in: <https://www.marxists.org/portugues/marx/1852/brumario/cap01.htm>, acesso 31.10.2018.

No *Manifesto Comunista* (MARX e ENGELS, 1997), escrito em 1848, alguns anos após já estarem envolvidos em atividades políticas com operários, trabalhadores e intelectuais, Marx e Engels ficam com a incumbência, após um congresso realizado em Paris, em 1847, de produzirem a síntese das ideias dos comunistas reunidos no evento. Em tal documento, as referências à natureza vinculam-se ao próprio desenvolvimento do capitalismo e a luta de classes, onde, por exemplo, os autores dizem que a burguesia submeteu o campo à cidade.

A burguesia submeteu o campo à dominação da cidade. Criou cidades enormes, aumentou num grau elevado o número da população urbana face à rural, e deste modo arrancou uma parte significativa da população à idiotia [idiotismus] da vida rural. Assim como tornou dependente o campo da cidade, os países bárbaros e semibárbaros dos civilizados, os povos agrícolas dos povos burgueses, o Oriente ao Ocidente. (MARX, 1997, p.40)

A burguesia como classe tinha feito as revoluções dos séculos XVII e XVIII contra os nobres, para implementar e desenvolver seu sistema – no qual as indústrias e a exploração do trabalho via apropriação da mais-valia – tornou as cidades centros de seu poder e lugar estratégico deste exercício (LOWY, 2006, MACHADO e MORAES, 2016, MACHADO e MACHADO, 2016). Para tanto, tal classe centralizou e potencializou os meios de produção e de propriedade, aglomerando as populações, centralizando todos estes recursos e meios em poucas mãos, seja econômica como politicamente, além de unificá-las:

A burguesia suprime cada vez mais a dispersão dos meios de produção, da propriedade e da população. Aglomerou a população, centralizou os meios de produção e concentrou a propriedade privada em poucas mãos. A consequência necessária disto foi à centralização política. Províncias independentes, quase somente aliadas, com interesses, leis, governos e direitos alfandegários diversos, foram comprimidas *numa* nação, *num* governo, *numa* lei, *num* interesse nacional de classe, *numa* linha aduaneira. (MARX, 1997, p.41)

A burguesia evidenciou as potencialidades do trabalho social humano, mas em seu sistema usado em benefício de poucos – sua classe e prepostos – criando forças produtivas massivas, teve em decorrência a “subjugação das forças da Natureza, maquinaria, aplicação da química à indústria e à lavoura,

navegação a vapor, caminhos-de-ferro, telégrafos elétricos, arroteamento de continentes inteiros, navegabilidade dos rios, populações inteiras feitas saltar do chão” em função de seus interesses de lucro e apropriando-se da riqueza produzida de forma privada (MARX, 1997, p.41).

Já n’O *Capital – Crítica da Economia Política* (MARX, 1986), que teve publicado apenas seu primeiro volume por Karl Marx, os demais organizados, a partir de suas sistematizações, planos e indicações publicados por Engels e por Karl Kaustky. O objeto de estudo, o sistema capitalista de então, assim como hoje, está em permanente mudança e transformação, e é nesta perspectiva que o concebemos nesta reflexão. Sendo assim, o estudamos e dele tiramos *insights* que possam nos ajudar a compreender o capitalismo no ontem e no hoje, como se transformou, o que se mantém e como nos ajudar a construir uma sociedade mais justa social e ambientalmente.

Iniciamos com o processo de organização do trabalho no capitalismo, descrito e discutido no Tomo I, capítulo V, intitulado *O Processo de Trabalho* (MARX, 1986). Para Marx, o “trabalho é antes de tudo um processo entre a natureza e o homem”, no qual este “realiza, regula e controla” mediante sua ação o intercâmbio de matérias com a natureza (Idem, p.139). Ao mesmo tempo, diz que o homem se enfrenta com um poder natural (sua corporeidade, seus braços e pernas, a vida, etc.) outro poder natural, no caso, a natureza externa, transformando-a ao colocar em ação suas forças naturais. Mas, destaca: “Y a la par que de ese modo actúa sobre la naturaleza exterior a él y la transforma, transforma su propia naturaleza, desarrollando las potencias que dormitan en él y sometiendo el juego de sus fuerzas a su propia disciplina” (MARX, 1986, p.139).

El obrero no se limita a hacer cambiar de forma la materia que le brinda la naturaleza, sino que, al mismo tiempo, *realiza en ella su fin*, fin que él *sabe* que rige como una ley las modalidades de su actuación y al que tiene necesariamente que supeditar su voluntad. (MARX, 1986, 140)

Em outras palavras, ele não somente modifica a matéria, mas realiza nela seu objetivo.

Pressupomos o trabalho sob forma exclusivamente humana. Uma aranha executa operações semelhantes às do tecelão, e a abelha

supera mais de um arquiteto ao construir sua colméia. Mas o que distingue o pior arquiteto da melhor abelha é que ele figura na mente sua construção antes de transformá-la em realidade. No fim do processo do trabalho aparece um resultado que já existia antes idealmente na imaginação do trabalhador. Ele não transforma apenas o material sobre o qual opera; ele imprime ao material o projeto que tinha conscientemente em mira, o qual constitui a lei determinante do seu modo de operar e ao qual tem de subordinar sua vontade. E essa subordinação não é um ato fortuito (MARX, 1867)⁹.

Ao diferenciar a abelha ou a aranha do homem, pois este “figura na mente sua construção antes de transformá-la em realidade”, que já “existia idealmente na imaginação do trabalhador” e que ele “imprime ao material o projeto que tinha conscientemente em mira”, Marx destaca aspectos que venho discutindo neste trabalho, e que se relaciona a criação/produção de ideias e subjetividades decorrentes da relação que o humano desenvolve/produz, ao transformar a natureza, a matéria, ao criar coisas e obras (PASSOS e MACHADO, 2018).

Avançando o processo de trabalho, n’A *Jornada de Trabalho* no capitalismo (MARX, 1986, p.220-222), aquela relação acima – do trabalho no capitalismo - é apresentada como limitadora da criação na/pela relação do trabalhador com a natureza e as obras produzidas em sua atividade, e quanto mais avança o capitalismo e a separação do trabalhador da obra produzida.¹⁰ No capitalismo,

en primer lugar, [...] el obrero no es, desde que nace hasta que muere, *más que fuerza de trabajo*; por tanto, *todo su tiempo disponible*, por obra de la naturaleza y por obra del derecho, *tiempo de trabajo* y pertenece, como es lógico, *al capital para su incrementación*” (MARX, 1986, p.220-221).

O capitalista não se pergunta, ou lhe interessa, sobre o processo de criação humana no processo produtivo, até porque isso seria perigoso a seu próprio sistema. Muito menos lhe interessa o

⁹ **O CAPITAL, O processo de trabalho e a produção da mais-valia**, Volume I, capítulo VII, in: <<https://www.marxists.org/portugues/marx/1867/ocapital-v1/vol1cap07.htm>>, acesso 31.10.2018.

¹⁰ É claro que, pequenos grupos são deixados livres para poderem pensar e desenvolver atividades criativas visando a expansão do negócio ou sua redução, focalização ou ocupação de *nichos de mercado* ou outras que se fizerem necessárias na busca do lucro e da riqueza da empresa e de seus donos. Estamos a nos referir as massas humanas de trabalhadores e de operários circunscritos aos processos de divisão do trabalho e não passíveis de usufruírem dos bens que produzem, e muitas vezes sem qualquer prazer no ato produtivo.

'Limite de vida de la fuerza de trabajo'. Lo que a él le interesa es, única y exclusivamente, el máximo de fuerza de trabajo, mismo que se para que eso ocurrir tengan que, *'abreviar la vida de la fuerza de trabajo'*, al modo como el agricultor codicioso hace dar a la tierra un rendimiento intensivo *'desfalcando'* su fertilidad (MARX, 1986, p.222).

Mas, o capitalismo não existe desde sempre! Ele próprio é resultado de um processo de produção de novas relações sociais entre os humanos, com a natureza bem como das obras produzidas. Portanto, o capitalismo, suas justificações e realidade foi criada pelos humanos!

Em outras palavras, há uma especificidade da/na obra humana chamada capitalismo, à qual começa “alli donde *un capital* individual emplea simultáneamente un número relativamente grande de obreros es decir, allí donde el proceso de trabajo presenta un radio extenso de acción, lanzando al mercado productos en una escala *cuantitativa* relativamente grande” (MARX, 1986, p.278).

No entanto, há um salto qualitativo no processo produtivo, na medida em que se generaliza a produção capitalista.

Sin embargo, dentro de ciertos límites, la cosa cambia. El trabajo materializado en el *valor* es trabajo de calidad social media, aplicación de una fuerza media de trabajo. Pero para obtener una magnitud media, es necesario reunir muchas magnitudes individuales diversas de la misma especie. (MARX, 1986, p.278)

Quanto a “la manufactura [...] apenas se distingue en sus orígenes de la industria gremial del artesanato más que por el número de obreros empleados al mismo tiempo y por el mismo capital, número que en la manufactura es mayor. No se ha hecho más que ampliar el taller del maestro artesano” (Idem, p.278).

Ao discutir as origens desta e do artesanato no capitalismo,¹¹ Marx diz que:

Los orígenes de la manufactura y su derivación del artesanato son dobles. De una parte, la manufactura brota de la *combinación de diversos oficios independientes*, que mantienen su *independencia* y su aislamiento hasta el instante en que se convierten en otras tantas operaciones parciales y entrelazadas del proceso de producción de una misma mercancía. De otra parte, la manufactura brota de la cooperación de artesanos afines, atomizando su oficio individual en las diversas operaciones que lo integran y aislando éstas y

¹¹Tomo I, Capítulo XII, División del trabajo y manufactura, p.292-323.

haciéndolas independientes hasta el instante en que cada una ellas [delas?] se convierte en función exclusiva y específica de un obrero. (MARX, 1986, p.294)

O processo de transformação da natureza pelo trabalho também se desenvolve de forma e sentido diferente – não igual – por cada trabalhador, ou seja, o ritmo e as conseqüências da transformação da natureza exterior e de sua própria são diferentes (serão diferentes), pois são distintos os trabalhadores, as condições, o tempo e as matérias primas, dentre outros fatores e condições.

Por exemplo, se “nos detenernos a analizar de cerca y en detalle este proceso, vemos ante todo que el obrero, reducido a ejecutar de por vida la misma sencilla operación, acaba por ver convertido todo su organismo en órgano automático y limitado de esa operación, lo cual hace que necesite, para ejecutarla [...] (MARX, 1986, p.294). E a “repetición constante de las mismas operaciones concretas y la concentración de la mente en ellas enseñan, según demuestra la experiencia, a conseguir el efecto útil perseguido con el mínimo desgaste de fuerzas” (Ibiden, p.295).

Diríamos que se estaria produzindo uma natureza limitada e/ou limitadora das potencialidades humanas (interna) ao/no trabalhador, em decorrência do processo descrito por Marx resultante da divisão do trabalho. O capitalismo no processo de trabalho, ao contrário de possibilitar o desenvolvimento das “potencialidades adormecidas”, enquanto força coletiva em beneficio de todos/as, produz nos indivíduos embotamento, a alienação, um cerceamento das potencialidades criativas dos humanos.

La manufactura crea, pues, en todos los oficios que se asimila, una clase especial de obreros, la de los llamados *peones*, que no tenían cabida en la industria artesana. [...] La escala jerárquica del trabajo se combina con la división pura y simple de los obreros en obreros *especializados* y *peones*. Los gastos de educación de éstos desaparecen; los de los primeros disminuyen respecto al artesanato, al simplificarse sus funciones. El resultado, en ambos casos, es la disminución del *valor* de la fuerza de trabajo. (MARX, 1986, p.305)

Dessa maneira, se de um lado houve um salto qualitativo nos processos de produção manufatureiras e artesanais, levando-as a constituírem-se em forma diferenciada neste sistema social comparado aos processos de produção

anterior; de outro diria que um aspecto desta transformação em relação ao lugar e papel do trabalhador na sua relação com a natureza, seja a física como a produzida (as máquinas, por exemplo), mas também as próprias relações sociais e as atividades são transformadas. Mas diria mais, que o sistema, as máquinas, a organização, enfim, todo o processo parece funcionar de forma a tornar o operário e o trabalho meros apêndices de toda esta “engenharia”.¹²

Na medida em que o capitalismo se amplia e chega a todos os cantos do mundo, tornando-se global, “suministran al período manufacturero material abundante para el régimen de división del trabajo dentro de la sociedad” (MARX, 1986, p.309). Isto porque, “la división *manufacturera* del trabajo constituye una creación peculiar y específica del *régimen capitalista de producción*” (Idem, p.314).

Mientras que la cooperación simple deja intacto, en general, el modo de trabajar de cada obrero, la manufactura lo revoluciona desde los cimientos hasta el remate y muerde en la raíz de la fuerza de trabajo individual. Convierte al obrero en un monstruo, fomentando artificialmente una de sus habilidades parciales, a costa de aplastar todo un mundo de fecundos estímulos y capacidades [...]. Además de *distribuir* los diversos trabajos parciales entre diversos individuos, se secciona al individuo mismo, se le convierte en un aparato automático adscrito a un trabajo parcial, [...] vemos a un hombre convertido en simple fragmento de su propio cuerpo” (MARX, 1986, p.315)

Os humanos – que vivem do trabalho, conforme expressão de Antunes - no capitalismo, assim, passam a vida executando atividades e operações simples, não tendo possibilidades de desenvolver sua inteligência, em consequência, “va convirtiéndose poco a poco y en general en una criatura increíblemente estúpida e ignorante” (Idem, p.317). Fato percebido pelos capitalistas e seus ideólogos, os quais, para evitarem a completa degeneração do povo, propõem a instrução popular: “A. Smith recomienda la instrucción popular organizada por el estado, aunque en dosis prudentemente homoepáticas” (MARX, 1986, p.317).

¹²Tal processo é explicado pelo mais conhecido termo: o fetiche da mercadoria. A mercadoria é produzida pelos humanos, no entanto, em decorrência de múltiplos processos da organização capitalista constitui-se subjetivamente a idéia de que ela “funciona” autonomamente aos produtores. Na verdade, no capitalismo parece ser a mercadoria que produz e controla, domina e faz agir os próprios trabalhadores.

Mas também, o trabalhar a terra (na agricultura) é transformado no/pelo capitalismo, colocando tal atividade e sua produção sob sua lógica. Tal processo aparece quando Marx discute a *Maquinaria e a Grande Indústria* (MARX, 1986, p.425-455) e/ou a mecânica aplicada à agricultura que, ao expandir-se, rompe e destrõe as antigas relações, propiciando um salto qualitativo nas sociedades até então existentes também neste espaço e relações.

En la órbita de la agricultura es donde la gran industria tiene una eficacia más revolucionaria, puesto que destruye el reducto de la sociedad antigua, el “campesino”, sustituyéndolo por *el obrero asalariado*. De este modo, las necesidades de transformación y los antagonismos del campo se nivelan con los de la ciudad. La explotación rutinaria e irracional es sustituida por la aplicación tecnológica y consciente de la ciencia. La ruptura del primitivo vínculo familiar entre la agricultura y la manufactura, que rodeaba las manifestaciones incipientes de ambas, se consume con el régimen capitalista de producción. (MARX, 1986, p.454)

No entanto, se por um lado tal sistema desenvolve todas as potencialidades e forças sociais e humanas criando novos bens e riquezas, de outro tal progresso rompe, perturba, modifica as relações das sociedades com a natureza.

Al crecer de un modo incesante el predominio de la población urbana, aglutinada por ella en grandes centros, la producción capitalista acumula, de una parte, la fuerza histórica motriz de la sociedad, mientras que de otra parte perturba el metabolismo entre el hombre y la tierra; es decir, el retorno a la tierra de los elementos de ésta consumidos por el hombre en forma de alimento y de vestido, que constituye la condición natural eterna sobre que descansa la fecundidad permanente del suelo. Al mismo tiempo, destruye la salud física de los obreros. A la vez que, destruyendo las bases primitivas y naturales de aquel metabolismo, obliga a restáuralo sistemáticamente como ley reguladora de la producción social y bajo una forma adecuada al pleno desarrollo del hombre. (MARX, 1986, p.454)

A ruptura do primitivo vínculo familiar entre a agricultura e a manufatura, da aglutinação das populações em centros urbanos, a produção em grandes indústrias, com divisão do trabalho em seu interior e na sociedade, dentre outros resultantes do desenvolvimento do capitalismo “perturba o metabolismo entre o homem e a terra”.¹³

¹³ Poderíamos pensar as mesmas questões em relação pesca artesanal substituída pela

Al igual que en la industria urbana, en la moderna agricultura la intensificación de la fuerza productiva y la más rápida movilización del trabajo se consiguen a costa de devastar y agotar la fuerza de trabajo del obrero. Además, todo progreso, realizado en la agricultura capitalista, no es solamente un progreso en el arte de *esquilmar al obrero*, sino también en el arte de *esquilmar la tierra*, y a cada paso que se da en la intensificación de su fertilidad dentro de un período de tiempo determinado, es a la vez un paso dado en el agotamiento de las fuentes perenes que alimentan dicha fertilidad. (MARX, 1986, p.454)

Ao “esquilmar” os operários, as terras e as águas, “la producción capitalista solo sabe desarrollar la técnica y la combinación del proceso social de producción socavando al mismo tiempo las dos fuentes originales de toda riqueza: *la tierra y el hombre*” (Idem, p.455). Assim, ao crescer o capitalismo prejudica a fecundidade da terra, esgota os rios e mares de sua piscosidade, além de jogar dejetos e imundície nos mesmos, prejudicando seja pelas condições criadas (leia-se destruídas), seja pelos processo de trabalho a saúde do trabalhador.

La gran industria y la gran agricultura explotada industrialmente actúan de un modo conjunto y forman una unidad. Si bien en un principio se separan por el hecho de que la primera devasta e arruina más bien la fuerza de trabajo y, por tanto, la fuerza natural del hombre y la segunda más directamente la fuerza natural de la tierra, más tarde tienden cada vez más a darse la mano, pues el sistema industrial acaba robando también las energías de los trabajadores del campo, a la par que la industria y el comercio suministran a la agricultura los medios para el agotamiento de la tierra. (MARX, 1986, p.820)

No capítulo intitulado *La llamada acumulación originária* (MARX, 1986, p.698-700), Marx discute o processo pregresso de constituição do capitalismo, como desdobramento da *colonialidad*, iniciada nas Américas em 1492, e no Brasil a partir de 1500. Evidencia-se que – a própria propriedade privada – um bastião dos ideológicos e justificadores deste sistema, é decorrente da negação da própria propriedade. Seja na Europa onde o mesmo emerge, a partir da Inglaterra, seja nas colônias apropriadas e saqueadas pelos países e mercenários que daí saíam financiados por reis, empresas, bancos, etc.

É verdade que inúmeros sistemas de produção, com pequenas propriedades e indústrias, existiram sob “la esclavitud, bajo la servidumbre de

la gleba y en otros regímenes de anulación de la personalidad”, mas seu florescimento de fato se dá quando o trabalhador pode dispor da condições de trabalho manejadas por ele mesmo.

Pero sólo florece, sólo despliega todas sus energías, solo conquista su forma clásica adecuada allí donde el trabajador es *propietario libre de las condiciones de trabajo manejadas por él mismo*: el campesino dueño de la tierra que trabaja, el artesano dueño del instrumento que maneja como un virtuoso. Este régimen supone la *diseminación* de la tierra y de los demás medios de producción. Excluye la concentración de éstos, y excluye también la cooperación, la división del trabajo dentro de los mismos procesos de producción, la conquista y regulación social de la naturaleza, el libre desarrollo de las fuerzas *sociales* productivas. Solo es compatible con los estrechos límites elementares, primitivos, de la producción y la sociedad. (MARX, 1986, p.698)

O Capitalismo destrói estas condições, acaba com estas propriedades, utilizando-se do discurso de ser um sistema de propriedade – propriedade de uns poucos sobre muitos:

Su destrucción, la *transformación de los medios de producción individuales y desperdigados en medios sociales y concentrados de producción*, y, por tanto, de la propiedad raquítica de muchos en propiedad gigantesca de pocos, o lo que es lo mismo, la *expropiación que priva a la gran masa del pueblo de la tierra y de los medios de vida e instrumentos de trabajo*, esta espantosa y difícil *expropiación de la masa del pueblo*, forman la prehistoria del capital. (MARX, 1986, p.698)

Portanto, a própria propriedade privada, de um lado decorreu da apropriação privada da terras de muitos poucos, e disso, tanto a exploração do trabalho daqueles que não tendo outros meios para sobreviver tiveram que vender sua força de trabalho; de outro, os que ainda ficaram com terras ou as conseguiram tendem a serem colocados sob a lógica do capitalismo na produção que desenvolve ao produzirem alimentos.

Assim, a propriedade privada da terra no capitalismo, discutida por Marx na *Gênesis de la renta capitalista del suelo* (1986, p.791-820), assume um formato diferente das sociedades anteriores, pois as mesmas são inseridas no circuito produtivo do capital: “la propiedad privada sobre el suelo, y, por tanto, la expropiación de la tierra de manos del producto directo – es decir, la propiedad privada de unos, que implica la no propiedad de otros sobre la tierra – constituye la base del modo capitalista de producción” (Idem, p.819). Mas,

também a concentração de terras em grandes propriedades e/ou sua mecanização em agricultura capitalista geram consequências tenebrosas:

y de este modo crea condiciones que abren un abismo irremediable en la trabazón del metabolismo social impuesto por las leyes naturales de la vida, a consecuencia del cual la fuerza de la tierra se dilapa y esta dilapidación es transportada por el comercio hasta mucho más allá de las fronteras del propio país (Liebig) (MARX, 1986, p.820).

No terceiro tomo do *Capital*, no capítulo XLVIII, conhecido como *Fórmula Trinitaria*, Marx diz que “Capital-ganancia (beneficio del empresario más interés); tierra-renta del suelo; trabajo-salario: he aquí la formula trinitaria que engloba todos los secretos del proceso social de producción” (MARX, 1968, p.754). Disso ressalta que, “el **capital** no es una cosa material, sino una determinada relación social [...]” que “toma cuerpo en una cosa material y le infunde un carácter social específico” e que se constituem num “conjunto de los medios de producción monopolizados por una parte de la sociedad, los productos y condiciones de ejercicio de la fuerza de trabajo, substantivados frente a la fuerza del trabajo vivo y a la que este antagonismo personifica como capital”. (MARX,1968, p.754). Ao lado dele “aparece la **tierra**, la naturaleza inorgánica como tal, [...] en toda su rudimentaria y selvática primitividad. El valor es trabajo. La plusvalía o valor de más no puede ser, por tanto, l tierra. La fertilidad absoluta de la tierra quiere decir, sencillamente, que una cantidad de trabajo arroja un determinado producto, condicionado por la fertilidad natural del suelo” (Idem, p. 755). O **trabalho** aparece “como tercer término de la combinación tripartita”, o cual “es una abstracción y que, considerado por sí, no existe o que si [...]”, que se supone ser a “actividad productiva del hombre en general, por medio de lo cual se opera el metabolismo con la naturaleza” [...] (p.755). Dito de outro forma, “el trabajo asalariado y la propiedad territorial son, lo mismo que el capital, formas sociales históricamente determinadas, la primera del trabajo, la segunda de la tierra monopolizada, y ambas son, además, formas correspondientes al capital y pertenecientes a la misma formación económica de la sociedad”. (MARX, 1968, p.755) (MACHADO,

2018c)¹⁴. Portanto, o capitalismo explora e suga a força natural do homem, a força natural da terra e, por fim, diríamos também os recursos naturais das águas, tendo sempre como finalidade seus lucros.

Um último texto de Marx de 1875, e certamente, um dos últimos escritos, refere-se a *Crítica ao Programa de Gotha* (ANTUNES, 2004), referente as anotações críticas ao programa do partido socialdemocrata alemão preparatório ao Congresso. Marx vai citando partes/frases do programa e fazendo ponderações críticas e comentários. Na parte na qual se afirma ser o trabalho a fonte de riqueza, de toda a riqueza,¹⁵ Marx não somente contesta tal afirmação bem como relaciona neste debate a diferença entre valores de uso e de troca, além de pontuar os interessados em tais manifestações: aqueles que não vivem de seu trabalho, mas da exploração do trabalho dos outros, bem como da natureza – os capitalistas.

O trabalho não é fonte de toda riqueza. A natureza é a fonte dos valores de uso (os valores de uso são, de fato, a riqueza real!) tanto quanto o trabalho, trabalho que é expressão de uma força natural, a força de trabalho do homem. Esta frase repisada encontra-se em todos os manuais e só é verdadeira se for subentendido que o trabalho é anterior, e é executado com todos os instrumentos e procedimentos que o acompanham. [...] Só enquanto o homem se coloca, desde o início, como proprietário em relação à natureza, a fonte primeira de todos os meios e objetos de trabalho, e a trata como se ela (a natureza) lhe pertencesse, é que o seu trabalho se converte em fonte de valores de uso e, portanto, em fonte de riqueza (MARX, in ANTUNES, 2004, p.125-126).

Sendo assim, diz Marx, que os burgueses têm razão em defender isso, como está, mas um partido ou setores e indivíduos que propunham algo diferente, ou ainda, mais de forma crítica aos mesmos e ao seu sistema. Os burgueses têm razões de sobra para atribuir ao trabalho esse poder sobrenatural de criação: precisamente pelo fato de o trabalho estar na dependência da natureza se conclui que o homem que possuir apenas a força de trabalho será forçosamente, em qualquer estado [situação] social e de civilização, escravo de outros homens que se tornaram proprietários das condições objetivas do trabalho. Ele não pode trabalhar nem, por conseguinte,

¹⁴ Parágrafo citado em Carlos RS Machado (MACHADO, 2018c).

¹⁵ Diz o texto do Programa: “O trabalho é a fonte de toda riqueza e de toda a cultura e, como o trabalho produtivo só é possível na sociedade e pela sociedade, o seu produto pertence integralmente, por igual direito, a todos os membros da sociedade”.

viver, a não ser com a autorização destes últimos. (MARX, In Antunes, 2004, p.125-126).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

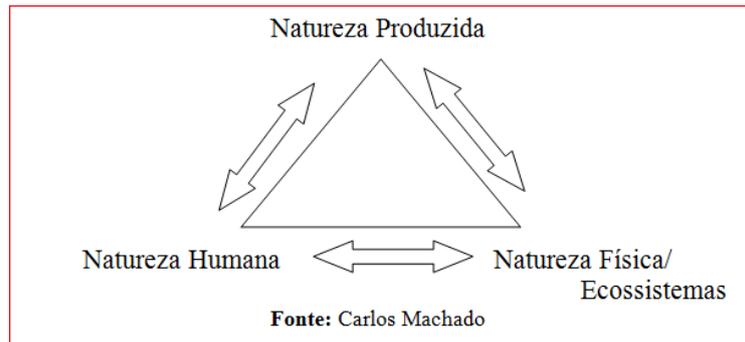
Em artigo publicado na revista NORUS, da Universidade Federal de Pelotas, discutindo o momento conflitivo e neste o momento educativo, eu e Bruno Moraes (2016) construímos para a argumentação, a partir da obra de Henri Lefebvre, um triângulo para representar o trio de relações implícitas nos processos entre o que vivíamos, concebíamos e o imaginado/utópico.



Fonte: MACHADO e MORAES, 2016. p.120.

Naquela representação partíamos dos indivíduos, de seus vividos para produzir tal reflexão. Neste ensaio o ponto de partida é de quem o escreveu – o autor – que está perpassado/motivado por suas atividades relacionadas ao mapeamento dos conflitos no extremo sul do Brasil e, no momento presente, na cidade do Porto/Portugal (agosto 2018/janeiro, 2018). Mas, também das atividades como educador na educação ambiental em sala de aula e fora dela.

Portanto, é desde o ponto de vista, espaço do vivido e relações que o autor estabelece, concebe e desenvolve ser o ponto de partida destas considerações finais. Assim, transpondo o triângulo do quadro acima, para o debate das naturezas represento-as da seguinte forma:



Ou seja, o autor seria/estaria representado na figura (portanto, como a natureza humana) o qual, por sua vez, pensa/concebe (a natureza produzida) a partir de sua relação e dos estudos e pesquisas sobre os conflitos socioambientais e urbanos decorrente da apropriação, uso e significação pelos diferentes atores/sujeitos em relação à natureza física/ecossistemas. Ao discutir as três representações da Natureza e suas relações e processos educativos entre as três na obra de Marx e Engels, busquei desde o meu ponto de vista e lugar social descrever e discutir a partir de citações dos autores a tese referida. No entanto, como o objetivo deste ensaio era identificar e/ou relacionar o educativo na relação entre as naturezas, resgato brevemente o discutido (portanto, o concebido de Marx) para fazer a ligação com o meu lugar e papel de educador ambiental.

Desse modo, destacaria da parte dos *Manuscritos econômico-filosóficos de 1844* de que o processo de “transformar a natureza” no capitalismo é também um processo de produção da separação dele (homem), enquanto ser da natureza, a uma natureza exterior a ele mesmo, e de que em decorrência ao se desenvolverem mais, aprofunda-se a ideia e a prática da separação – ou seja, da natureza como separada, uma “coisa lá fora” (ANTUNES, 2004, p.5-7). E disso, a desvinculação prática e sensível do trabalhador (dos humanos) com os meios, condições e resultados de tais processos produtivos e, também da própria explicação/produção do conhecimento da/modernidade. Por fim, a superioridade dos brancos e europeus sobre os índios, negros, árabes, pobres, etc. através da *colonialidad* (QUIJANO, 2014) decorreu/decorre ao mesmo tempo em que se articula com tais processos de separação e alienação dos que produzem de sua obra, e se re-produz na atualidade (HESS, 2004).

Questão que se traduziria no cotidiano, nos processos e atividades que a partir das empresas, do Estado e de outros meios – como poder simbólico (Bourdieu, 1991) – se vai produzindo e re-produzindo (LEFEBVRE, 1974; 1991; DARDOT e LAVAL, 2016) enquanto hegemonia no vivido de cada uma/a e todos/as.

Como disse Marx, “o que é a vida senão atividade – como uma atividade voltada contra ele mesmo, independente dele, não pertencente a ele”; “quando se relaciona consigo mesmo como [com] o gênero vivo, presente, quando se relaciona consigo mesmo como [com] um ser universal, [e] por isso livre”; de que “a universalidade do homem aparece precisamente na universalidade que faz da natureza inteira o seu corpo inorgânico, tanto na medida em que ele é um meio de vida imediato, quanto o objeto/matéria é o instrumento de sua atividade vital”; “a natureza está interconectada consigo mesmo, pois o homem é uma parte da natureza”. (MARX, in ANTUNES, 2004, p.182-183).

Em *As formações econômicas pré-capitalistas (Grundrisse, 1863-64, 1991, p.7-9)*, disse Marx que “inicialmente as comunidades não se sentem proprietários da terra”, mas que, ao passarem para *possessores* uma nova relação, e uma nova percepção se produziu no processo de mudar de uma relação a outra dos grupos humanos com a terra, ou seja, do comunitário ao individual e privado.

Todavia, “o fundamento da evolução é **a reprodução das relações** entre o indivíduo e sua comunidade *aceitas* como dadas”. Logo, tais aspectos subjetivos de aceitação das coisas dadas são resultantes de um processo educativo (fixados na tradição), transmitidos aos indivíduos, à comunidade de geração de um lado, e de outro, da própria história e das mudanças que passam as gerações.

No *Manifesto Comunista*, Marx e Engels (1991, p.10-11) dizem que a burguesia tinha feito as revoluções dos séculos XVII e XVIII, centralizado e potencializado os meios de produção e de propriedade, aglomerando as populações, recursos e meios em suas poucas mãos, nos aspectos econômicos e político; subjuguou as “forças da Natureza, a maquinaria, aplicação da química à indústria e à lavoura, navegação a vapor, caminhos-de-ferro, telégrafos eléctricos, arroteamento de continentes inteiros, navegabilidade dos rios, populações inteiras feitas saltar do chão” em função

de seus interesses de lucro e apropriando-se da riqueza produzida de forma privada. Foi, portanto, o saber e a ciência produzida no período anterior, em contra a obscuridade religiosa do catolicismo na idade média europeia, que tal classe produziu os meios de explorar, tanto a natureza como os trabalhadores em seu benefício.

D'O *Capital, crítica da economia política* (1986, p.139-159) ou seja, O *processo de trabalho* Marx afirma que o “trabalho é antes de tudo um processo entre a natureza e o homem”, no qual este “realiza, regula e controla” mediante sua ação “o intercâmbio de matérias com a natureza” (p.139), onde o homem enfrentaria com sua corporeidade, seus braços e pernas, a vida, etc. outro poder natural, no caso, a natureza externa, transformando-a ao colocar em ação suas forças naturais.

Mas, ao atuar “sobre la naturaleza exterior a él y la transforma, transforma su propia naturaleza, desarrollando las potencias que dormitan en él y sometiendo el juego de sus fuerzas a su propia disciplina” (MARX, 1986, p.139). A alusão a diferença entre o “pior arquiteto da melhor abelha” já que “ele figura na mente sua construção antes de transformá-la em realidade” (Marx, p.13), portanto, que já “existia idealmente na imaginação do trabalhador” e que ele “imprime ao material o projeto que tinha conscientemente em mira” a transformada em realidade é outro exemplo deste processo de abstração presente na relação do humano com a natureza. No entanto, e contraditoriamente, o trabalho no capitalismo é limitador da criação, do desenvolvimento das potencialidades do ser humano, pois este nem é dono dos meios, dos resultados e nem interessa ao capitalista o processo criativo no momento do trabalho, mas sim os produtos capazes de gerarem valores de troca a partir das necessidades dos humanos em sociedade¹⁶ (ver a parte da *A Jornada de Trabalho* (MARX, 1986, p.220-222).

Diz Marx que se “nos detenermos a analizar de cerca y en detalle este proceso, vemos ante todo que el obrero, reducido a ejecutar de por vida la misma sencilla operación, acaba por ver convertido todo su organismo en órgano automático y limitado de esa operación, lo cual hace que necesite, para ejecutarla...[...]” (MARX, 1986, p. 278, p.294). Isto porque, a “repetición

¹⁶ Necessidades que são criadas, ver Passos e Machado (2018).

constante de las mismas operaciones concretas y la concentración de la mente en ellas enseñan, según demuestra la experiencia, a conseguir el efecto útil perseguido con el mínimo desgaste de fuerzas” (Ibiden, 1986, p.295). Diria mais, que o sistema, as máquinas, a organização, todo o processo por excelência, parece funcionar de forma a tornar o operário e o trabalho meros apêndices de toda esta “engenharia”.

No entanto, não somente a natureza humana (os trabalhadores) são explorados pelos capitalistas, mas também a natureza física/ecossistemas. Na parte intitulado *Maquinaria e grande industria* (MARX, 1986, 452-455) ao discutir a mecânica aplicada a agricultura e sua expansão propiciam “la ruptura del primitivo vínculo familiar entre la agricultura y la manufactura”, às quais decorreram da aplicação da ciência, do conhecimento na potencialização do próprio sistema capitalista. O mesmo, poderíamos dizer com o crescimento das cidades, das indústrias e da produção capitalista que busca cada vez mais através do consumismo e da ‘obsolescência programada’ “perturba el metabolismo entre el hombre y la tierra” ou seja, perturba “el retorno a la tierra de los elementos de ésta consumidos por el hombre en forma de alimento y de vestido, que constituye la condición natural eterna sobre que descansa la fecundidad permanente del suelo” (MARX, 1986, 454). Isto porque, “todo progreso, realizado en la agricultura capitalista, no es solamente un progreso en el arte de *esquilmar al obrero*, sino también en el arte de *esquilmar la tierra*”. E ao “esquilmar” ou “socavar” os operários, as terras e as águas, “la producción capitalista solo sabe desarrollar la técnica y la combinación del proceso social de producción socavando al mismo tiempo las dos fuentes originales de toda riqueza: *la tierra y el hombre*” (MARX, 1986, p.454-455).

Portanto, seriam três os aspectos, ou elementos, envolvidos nos processos de produção conforme a chamada *Formula Trinitária* (MARX, 1968). Neste diz o autor, que “Capital-ganancia (beneficio del empresario más interés); tierra-renta del suelo; trabajo-salario: he aquí la formula trinitaria que engloba todos los secretos del proceso social de producción” (MARX, 1968, p.754). Disso, ressalta que “el **capital** no es una cosa material, sino una determinada relación social [...]” que “toma cuerpo en una cosa material y le infunde un carácter social específico”, nos meios, productos, condições e força

de trabalho (MARX, 1968, p.754). Ao lado, como segundo elemento, “aparece la **tierra**, la naturaleza inorgánica como tal, [...] en toda su rudimentaria y selvática primitividad. [...] La fertilidad absoluta de la tierra quiere decir, sencillamente, que una cantidad de trabajo arroja un determinado producto, condicionado por la fertilidad natural del suelo”. (MARX, 1968, p. 755). Por fim, aparece **o trabalho** “como tercer término de la combinación tripartita”, o cual “es una abstracción y que, considerado por sí, no existe o que si [...]”. Dito de outra forma, “el trabajo asalariado y la propiedad territorial son, lo mismo que el capital, formas sociales históricamente determinadas, la primera del trabajo, la segunda de la tierra monopolizada, y ambas son, además, formas correspondientes al capital y pertenecientes a la misma formación económica de la sociedad”. (MARX, 1986, p.755).

Por fim, na *Crítica ao programa de Gotha* (MARX, 1975, p.10), destaca Marx que só enquanto o homem se coloca, desde o início, como proprietário em relação à natureza, a fonte primeira de todos os meios e objetos de trabalho, e a trata como se ela (a natureza) lhe pertencesse, é que o seu trabalho sé a fonte de toda a riqueza. Os burgueses têm razão, diz ele, “de sobra para atribuir ao trabalho esse poder sobrenatural de criação: precisamente pelo fato de o trabalho estar na dependência da natureza se conclui que o homem que possuir apenas a força de trabalho será forçosamente, em qualquer estado [situação] social e de civilização, escravo de outros homens que se tornaram proprietários das condições objetivas do trabalho” (idem, 1975, p.10).

Portanto, o objetivo da discussão deste ensaio foi de mostrar a existência das três naturezas na obra de Marx, ao mesmo tempo fazer indicações/comentários das relações educativas entre as mesmas, e de como na co-evolução das sociedades – das comunidades primitivas ao capitalismo – iam se produzindo aspectos da terceira natureza, à qual também influenciava a produção subjetiva do e no humano, a linguagem, a ciência, as explicações para as próprias relações que iam se produzindo ou modificando-se.

Assim, do ponto de vista histórico e descritivo, a natureza humana emerge da natureza física em um processo de ruptura decorrente de sua ação (do individuo em comunidade/sociedade), ao transformá-la, mas também da/na

produção de subjetividades (individual) em sua relação social com um/num determinado desenvolvimento social/local/regional desigual, devido à diversidade ecossistêmica, etc. e da desigual apropriação da riqueza, da natureza e das relações de dominação/conflitos/lutas entre as classes em cada local/momento.

As implicações de tal tese seriam de que tais relações se produzem e reproduzem (LEFEBVRE, 2013; 1973; 1974), também, no nível individual, momento presente, nas relações que estabeleço comigo e com os demais sobre a materialidade ambiental que vivo. E disso, as explicações que busco dar para tais relações, enquanto conteúdo explicativo – o saber, conhecimento – destas naturezas em suas relações as relações entre as mesmas deveriam ser inter-relacionadas.

Enfim, o vínculo do humano com a natureza é uma relação e um intercâmbio, às quais se influenciariam mutuamente, produzindo daí múltiplas possibilidades. Se por um lado, os humanos enfrentam a natureza (a externa), que por seu lado, lhe brinda com aspectos para sua própria natureza (de ser humano); este por sua vez, ao agir transforma a matéria natural, criando coisas outras, de outra natureza diferente tanto dele como da natural, e ao fazê-lo desenvolve as potências humanas em decorrência deste intercâmbio que produz e faz aflorar obras humanas (Lefebvre, 1974, 1999, 2013). Obras, produtos, bens e explicações dominadas e subsumidas à lógica mesquinha do ter, do poder e do saber sob domínio de uns poucos sobre todos; da busca sem fim de lucro e vantagens na exploração humana e da natureza no atual sistema chamado capitalismo.

BIBLIOGRAFIA

ANTUNES, Ricardo (org.). **A Dialética do Trabalho – escritos de Marx e Engels**. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **O poder Simbólico**. Lisboa: Bertrand, 1991.

BRIGOS, Jesús Pastor Garcia, Rafael A. Belamaric, Roberto J.L. Ferrer e Daniel Rafuls Pineda. **CUBA: propiedad y construcción socialista**. La Habana: Ciencias, 2012.

CASTRO, Guillermo. Para uma historia ambiental de América Latina. **La Habana: Ciencias Sociales**, 2004;

_____. Los trabajos de ajuste y combate. Naturaleza y sociedad en América Latina. **La Habana: Casa de Las Américas**, 1994;

COLETIVO DA REDE BRASILEIRA DE JUSTIÇA AMBIENTAL. “DESIGUALDADE AMBIENTAL E ACUMULAÇÃO POR ESPOLIAÇÃO: O QUE ESTÁ EM JOGO NA QUESTÃO AMBIENTAL?”, **e-cadernosCES** 17, 2012, @cetera: p.164-183.

DARDOT, Pierre e LAVAL, Cristian. **A Nova Razão do Mundo**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DUARTE, Rodrigo. **Marx e a Natureza em o Capital**. 2ª Ed. SP: Loyola, 1995.

DUSSEL, Enrique. **La producción teórica de Marx Un comentario a los GRUNDRISSE**, Espanha/México: Siglo XXI, 1985.

FOLADORI, Guillermo. “A questão ambiental em Marx”. **Revista Critica Marxista**, 1997, https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/artigo29Artigo8.pdf, acesso 31.10.2018.

FOSTER, John B, **A Ecologia de Marx**. RJ: Civilização Brasileira, 2005.

_____. “Marx e o Meio Ambiente”, in. WOOD, Ellen Meiksins e FOSTER, John Bellamy(ORG.). **Em Defesa da História – Marxismo e pós-modernismo**. Rio de Janeiro: Zaher Editora, 1999, p.161-174.

HESS, Remi. **Produzir a obra**. Brasília: Liber livro, 2004.

LEFEBVRE, Henri. **La producción del espacio**. Capitán Swing, 2013. [1ª Ed. 1974].

_____. **A cidade do capital**. Rio de Janeiro: DP&A editora, 1999. [França, 1975].

_____. **A re-produção das relações de produção**. Porto: Escorpião, 1973.

LOWY, Michael. **Ecosocialismo – La alternativa radical a La catástrofe ecológica capitalista**. Madri: Ensaio/Biblioteca Nueva, 2012.

_____. “A Cidade, lugar estratégico do enfrentamento das classes”. In: **Revista Margem ESQUERDA**, ensaios marxistas, n. 8, São Paulo: Boitempo, 2006.

MACHADO, Carlos RS. “O momento atual: o Brasil na encruzilhada”, **JornalECO, editorial**. Edição numero 6, inverno de 2018a, p.2.

_____. “Karl Marx e as Três Naturezas: relações e conflitos”, Edgardo Romero Fernández (org.). **Bicentenario de Carlos Marx: Debates y legado**. Editorial Feijóo, Santa Clara/Cuba, 2018b.

_____. “Las implicaciones de los conflictos socioambientales para las ciencias sociales”, in Aloisio Ruscheinsky, Cleide Calgaro, Thadeu Weber (org.). **Ética, direito socioambiental e democracia**. Caxias do Sul/RS: Educs, 2018c.

_____. “Conferencia Karl Marx e as três Naturezas”, in: **II Encontro Regional de Direito, Marxismo e Meio Ambiente**, NUDMARX, Santa Maria/RS, set. de 2017, in <<https://www.youtube.com/watch?v=f2j4GNPp7cg>>, acesso 31.10.2018.

MACHADO, Carlos RS; MORAES, Bruno. “Os conflitos como momento de ruptura da hegemonia: Contribuições à sociologia e à educação ambiental a partir de Henri Lefebvre”, **Revista NORUS** – v4, n.6, jul – dez 2016. DOI: [HTTP://DX.DOI.ORG/10.15210/NORUS.V4I6.9246](http://dx.doi.org/10.15210/norus.v4i6.9246), acesso 11.11.2018.

MACHADO, Carlos RS e MACHADO, Tainara Fernandes. “A cidade como obra humana: problematizando as relações sociedade x natureza no capitalismo e no socialismo. Ruiz, Jaime Garcia et. Alli (org.). **Direito à cidade e ao trabalho/Derecho a la ciudad y al trabajo**. Curitiba: KAIRÓS editora, 2016.

MACHADO, Carlos RS; CALLONI, Humberto; ADOMILLI, Gianpaolo. “OLHARES, PENSARES E FAZERES SOBRE E NA EDUCAÇÃO AMBIENTAL: REFLEXÕES SOBRE/DESDE OS FUNDAMENTOS AO CAMPO ATUAL BRASILEIRO”, *AMBIENTE & EDUCAÇÃO, Revista de Educação Ambiental*, V. 21, n. 1, 2016.

MACHADO, Carlos RS; CIPRIANO, Diego; SCHNEIDER, Nairana. “A Educação, a Natureza e a Cidade em Henri Lefebvre”. **EGAL, Encuentro de Geógrafos de América Latina**, Montevideu/Uruguai, 2012, in: <http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal12/Teoriaymetodo/Teoric os/34.pdf>, acesso 01.11.2018.

MARX, Karl. **O CAPITAL, O processo de trabalho e a produção da mais-valia**, Volume I, capítulo VII, in: <<https://www.marxists.org/portugues/marx/1867/ocapital-v1/vol1cap07.htm>>, acesso 31.10.2018.

_____. **XVIII Brumário de Luis Bonaparte**, in: <https://www.marxists.org/portugues/marx/1852/brumario/cap01.htm>, acesso 31.10.2018.

_____. **Grundrisse - manuscritos econômicos de 1857-1858: esboços da crítica da economia política**. São Paulo: Boitempo, 2011.

_____. “Manuscritos econômico-filosóficos”. In: ANTUNES, Ricardo (org.). **A Dialética do Trabalho – escritos de Marx e Engels**. São Paulo: Expressão Popular, 2004. (fragmento da parte final).

_____. **Formações Econômicas Pré-Capitalistas**. 6ª ed. SP: Paz e Terra, 1991.

_____. “El proceso de trabajo”, Tomo I, Capítulo V, p.139-159, in: **El Capital. La Habana** (Cuba): Editorial de Ciencias Sociales, 1986.

_____. “La jornada de trabajo”, Tomo I, Capítulo VIII, p.220-222. **El Capital. La Habana (Cuba)**: Editorial de Ciencias Sociales, 1986.

_____. “**División del trabajo y manufactura**”, p.292-323, Tomo I, Capítulo XII, *El Capital*. La Habana (Cuba): Editorial de Ciencias Sociales, 1986.

_____. “Maquinaria y gran industria”, p.452-455, Tomo I, Capítulo XIII, **El Capital**. La Habana (Cuba): Editorial de Ciencias Sociales, 1986.

_____. “La llamada acumulación originaria”, p.698-700. Tomo I, Capítulo XXIV, Conclusión. **El Capital**. La Habana (Cuba): Editorial de Ciencias Sociales, 1986.

_____. “Génesis de la renta capitalista del suelo”, p.791-820. Tomo III, **El Capital**. La Habana (Cuba): Editorial de Ciencias Sociales, 1986.

_____. “La Fórmula Trinitaria”, capítulo XLVIII, t. III. **El Capital**. Crítica de la Economía Política. ed. México/Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1968.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifiesto do Partido Comunista**. 3ª ed. Lisboa: Edições Avante, 1997.

PASSOS, Wagner e MACHADO, Carlos RS. “**A ESTÉTICA NEOLIBERAL DA NOVA RAZÃO DO MUNDO CAPITALISTA: educando o indivíduo competitivo**”. Artigo no prelo, 2018 [produzido a partir da tese do primeiro com o segundo].

QUIJANO, Aníbal, “Colonialidad del Poder, Eurocentrismo y América Latina”, in. **Cuestiones y horizontes** : de la dependencia histórico-estructural a la colonialidad/descolonialidad del poder. Buenos Aires: CLACSO, 2014. <http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/se/20140507042402/eje3-8.pdf>, acesso 08.11.2018.

SCHMIDT, Alfred. **El Concepto de Naturaleza em Marx**. In: <https://marxismocritico.files.wordpress.com/2011/11/schmidt-alfred-el-concepto-de-naturaleza-en-marx-1962.pdf>, acesso 03.11.2018.